

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 8

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

Data de submissão: 10/10/2020

Data de aceite: 16/11/2020

Emilas Darlene Carmen Lebus

Universidad Nacional del Nordeste, Argentina

Facultad de Humanidades

Departamento de Geografía y Departamento
de Ciencias de la Información

Correo institucional:

emilaslebus@hum.unne.edu.ar

Correo particular: emilaslebus@gmail.com

N° de ORCID: 0000-0002-9456-8742

<https://orcid.org/0000-0002-9456-8742>

RESUMEN: Actualmente se asume que el espacio geográfico es el objeto de estudio de la geografía. Sin embargo, exceptuando los desarrollos del insigne geógrafo brasileño, Milton Santos, existe muy poca teorización sobre el “ser” (u ontología) del espacio, pues la reflexión ha estado más desplazada hacia la propia disciplina que a su objeto. Ahora bien, si se analizan las producciones existentes en esta dirección - incluyendo los propios aportes de Santos (1990, 1996, 2000) quien concibe al espacio como un sistema de objetos y un sistema de acciones interactuando - no se advierte la debida atención a su *dimensión de significación*. Precisamente, esta dimensión semiótica

del espacio es la que he investigado en el desarrollo de mi Tesis Doctoral (2018), titulada: “*Semiótica del espacio geográfico. Elementos para una teoría semiótica del espacio geográfico a partir del estudio de la significancia / comunicabilidad de la acción técnica en los sistemas productivos agrarios*”, dirigida por el Dr. Diego Lawler. Una presentación anticipada de los avances de dicho estudio se realizó en el X Congreso Argentino y V Congreso Internacional de Semiótica en Santa Fe y Paraná, Argentina, en 2016, completando con dos nuevas disertaciones en el Congreso Mundial de Semiótica, en Buenos Aires en 2019. En dicha investigación se consideró, como anclaje empírico, a la “acción técnica” en los sistemas productivos agrarios, examinando actividades agrarias diversas como muestras del estudio. La indagación se focalizó en los discursos de los productores y otros agentes relacionados y en las “significaciones” de sus prácticas productivas. Desde los datos semióticos primarios así obtenidos se fue descubriendo, por abducción, la dimensión semiótica del espacio desde un enfoque cognitivo-semiótico transdisciplinario. Mediante un método general dialéctico-constructivo se fueron elaborando constructos conceptuales para *enriquecer la teoría del espacio desde la semiótica*, algunas

de cuyas ideas principales se presentan en este artículo.

PALABRAS CLAVES: Acción semio-técnica, prácticas agrarias, semiótica del espacio, significación, cognición.

THE SEMIOTICS AS CONSTITUTIVE ONTOLOGICAL DIMENSION OF THE GEOGRAPHICAL SPACE. CONTRIBUTIONS TO THE THEORY OF SPACE

ABSTRACT: Currently it is assumed that geographic space is the object of study of geography. However, except for the developments of the famous Brazilian geographer, Milton Santos, there is very little theorization about the “being” (or ontology) of space, since reflection has been more displaced towards the discipline itself than its object. Now, if the existing productions in this direction are analyzed -including the own contributions of Santos (1990, 1996, 2000) who conceives of space as a system of objects and a system of interacting actions- there is not due attention to its dimension of significance. It is precisely this semiotic dimension of space that I have investigated in the development of my Doctoral Thesis, entitled: *“Semiotics of geographic space. Elements for a semiotic theory of geographic space from the study of the significance / communicability of technical action in agricultural production systems”*, directed by Dr. Diego Lawler. An advance presentation of the progress of this study was made at the X Argentine Congress and V International Congress of Semiotics in Santa Fe and Paraná, Argentina, in 2016, completing with two new dissertations at the World Congress of Semiotics, in Buenos Aires in 2019. In said research, the “technical action” in agricultural production systems was considered as an empirical anchorage, examining various agricultural activities as samples of the study. The inquiry focused on the discourses of the producers and other related agents and on the “meanings” of their productive practices. From the primary semiotic data thus obtained, the semiotic dimension of space was discovered, by abduction, from a transdisciplinary cognitive-semiotic approach. Through a general dialectic-constructive method, conceptual constructs were developed to enrich the theory of space from semiotics, some of whose main ideas are presented in this article.

KEYWORDS: Semio-technical action, agricultural practices, semiotics of space, significance, cognition.

1. ASPECTOS TEÓRICOS Y METODOLÓGICOS: EL RECORRIDO DE LA INVESTIGACIÓN

La perspectiva desde donde se encaró este estudio abrevia en un peculiar enfoque de la semiosis, entendida como *procesos cognitivos* o *“lógica ampliada”*; enfoque introducido por Juan Samaja en Argentina, fundador del Doctorado en Ciencias Cognitivas de la Universidad Nacional del Nordeste (UNNE); línea en la que vengo trabajando desde hace varios años. A partir de las ideas basales de este Doctorado, en esta investigación

se adoptó una serie de categorías, debidamente fundamentadas, que permiten concebir al espacio desde un enfoque semiótico, pero conservando el sustento de las ciencias cognitivas con una mirada transdisciplinaria (en este caso, aplicada al estudio del espacio).

Esta perspectiva asimismo conlleva una resignificación de la *cognición*. La concepción computacional de la mente, basada en la manipulación de símbolos físicos o en la idea de “procesamiento” de información, perdió validez, ya que suponía un aparato cognitivo autónomo, aislado del contexto. Actualmente, los procesos cognitivos son considerados funciones de autorregulación de los sistemas vivos, que co-evolucionan con el medio, contribuyendo a su co-creación. En consecuencia, en geografía, la idea de “representación” que concibe la mente como un procesador (con inputs y outputs), propia del enfoque de la percepción, también entró en crisis, al presuponer una explicación restringida de la mente. Este “giro” es importante en el tema que nos ocupa ya que el espacio está atravesado (y modelado) por *fenómenos mentales*; los procesos semióticos (significación del espacio) constituyen una expresión de las “realidades” que la mente construye (elabora) en contextos situados.

Por otra parte, el sustento teórico del signo adoptado en este estudio ancla en Peirce (1988); también en Parret (1983); la concepción dialéctica del espacio se nutre de las ideas de Hegel (2002) y de Santos (1996, 2000), y la estrategia investigativa se basa en el análisis semiótico del discurso (Magariños de Morentín, 1996) y en el análisis crítico del discurso; a este respecto ha sido sumamente provechoso los puntos de vista e ideas orientadoras tratados en Guber (2004) sobre la construcción del conocimiento en el trabajo de campo, desde una perspectiva renovada del accionar del investigador en el contexto y el papel de los sujetos cognoscentes implicados. Así también, el abordaje crítico del discurso se apoyó en aportes de Wodak y Meyer (comps.), 2003.

En este estudio se partió de la *cognición entrañada* para desembocar en la cognición “ampliada”, según la cual los fenómenos mentales no transcurren alojados en un cuerpo o en un cerebro individual, sino que advienen como *procesos que ligan sujetos, objetos, significados y contextos*, constituyendo acciones comunicacionales o representacionales complejas. Esta mirada no excluye la materialidad del espacio geográfico, sino que lo complementa y resignifica.

Se trata de indagar *la construcción semiótica del espacio geográfico* para generar un conocimiento que ayude a develar la *naturaleza del espacio* desde el punto de vista de los *procesos de significación* que el habitante, en tanto agente (sujeto activo, creador de relaciones espaciales), genera en las realidades geográficas situadas. La mirada está puesta en la significación del espacio que los sujetos desarrollan en los escenarios

concretos de sus prácticas productivas. Se investigó, específicamente, la *semiosis* espacial en el contexto de vida de los “sujetos geográficos”, es decir, en su medio habitual, constituido como realidad totalizadora para el sujeto, expresión de “síntesis” entre el sustrato físico y las acciones antrópicas.¹

Desde esta perspectiva se focalizó la indagación en el estudio de la “acción técnica” (concepto que a su vez reposa en la idea de “agencia”) siguiendo a Lawler (2006), tratando de *develar su gramática*, esto es, *qué y cómo* los componentes técnicos se ligan entre sí para definir su carácter operatorio y su eficacia. Esto se reveló mediante entrevistas a productores agrarios (P.A.) y a técnicos-especialistas vinculados con este sector de la actividad económica. La *acción técnica* considerada como una bisagra entre los objetos y procesos naturales, por un lado, y los culturales por otro, presenta una ontología que se apoya en fenómenos de cognición más generales (y, por ende, de *significación*, es decir, “*semióticos*”).

Se buscó la comprensión holística de las formas de semiosis sobre las técnicas por remisión a sus contextos de sentido. La noción de “*macrosemióticas*” (tratada por Samaja, 2005, quien rescata este constructo de Greimas) permite tal abordaje. El espacio geográfico expresa, en tal sentido, la concurrencia de diferentes macrosemióticas que permiten entender los signos (expresados en el paisaje y en la organización del espacio) y los significados atribuidos a las <formas-contenidos> en las *formaciones geográficas*, de las cuales la acción técnica es parte. Se entiende por “formación geográfica” al modo propio, específico y *sui géneris* en que una *sociedad “espacialmente situada”* encarna un determinado modo de producción. En este proceso, hay una “apropiación productiva” del espacio, en la que queda comprometido su devenir (si historicidad como grupo, comunidad o sociedad concreta) y su ethos cultural.

En relación al enfoque de la cognición donde ancla esta Tesis (sobre la que versa este artículo), se entiende al *proceso cognitivo* como *una construcción compleja, contradictoria, sostenida por distintos tipos de inferencias, en la que opera la producción, circulación, distribución y reproducción de signos y significados*. Desde este punto de vista, el objeto no constituye algo independiente del sujeto, ni es posible que éste devenga sujeto sin implicar la dialéctica con el objeto del pensamiento. El conocimiento (que es asimismo semiosis) se sitúa en la bisagra (que es, al mismo tiempo, trama compleja) de la dialéctica y unidad inescindible sujeto / objeto.

¹ Es necesario señalar que los seres humanos somos “*sujetos geográficos*”, tanto como sujetos históricos, sociales, políticos, culturales... Remarco este atributo porque en la teoría del espacio geográfico existe un vacío en este sentido. En comparación con la noción de “sujeto histórico”, poco o nada se puntualiza acerca de la condición de ser “sujeto espacial” (más precisamente, “geográfico”). Empero, nuestras praxis sociales están atravesadas por esta condición.

Es preciso asumir que *la semiosis del espacio es real y constituye un fenómeno creador de realidad*, aunque opera desde otro nivel, como *construcción desde los modos de significar el mundo*.² Quizá, por este motivo, la semiosis del espacio subyace recubierta (u oculta) tras la paradoja de vivir en un mundo que es únicamente materialidad visible. Dado el peso que tuvieron las distintas variantes del positivismo en geografía, la mirada semiótica es aún una perspectiva desconocida. Por ende, su reconstrucción (vía las inferencias abductivas) se presenta como un fenómeno entrelazado de descriptores empíricos (datos) que advienen como signos reconocibles en el paisaje, pero también como evocaciones, valoraciones, recuerdos y construcciones analógicas que actúan como “significantes” de situaciones y procesos que refieren a la acción técnica en primer lugar, y al espacio geográfico, en un nivel cognitivo más profundo. Descubrir estos niveles de semiosis profundos, subyacentes en las acciones y narraciones de los P.A. y otros agentes agrarios, constituyó la actividad más desafiante y laboriosa en esta investigación.

A mi criterio, durante mucho tiempo -demasiado podría decirse- la geografía ha estado preocupada por el estudio de *lo manifiesto* del espacio -otrora se hablaba de superficie terrestre-. El devenir de la disciplina en un clima de positivismo, hizo que *lo positivo* (o *la positividad del hecho geográfico*) se entendiera como el estudio de los elementos y procesos “en” el espacio, el cual era concebido como “continente”³ más que una realidad global, totalizante, de objetos y de relaciones. Los “contenidos” eran casi un acople impuesto desde afuera, no asumidos como forjadores de tal continente.

Entendiendo al espacio -según Santos (2000, *op. cit.*)- como un todo integrado por sistemas de objetos y sistemas de acciones en interacción, es posible admitir que ningún objeto tiene significado *per se*, es decir, sin ser confrontado o puesto en comparación con otros objetos, o sea, analizándolo en el sistema de objetos del que forma parte.

Siguiendo el planteo de Magariños de Morentín (1996, *op. cit.*), el significado de “algo” -un “término-objeto”, según los conceptos usados por Peirce- surge al contrastarlo con otro discurso (u otra forma de semiosis, como la indicial). Es decir, desde el punto de vista semiótico se precisa operar con un plexo de significaciones o red semántica. Del mismo modo cabe proceder, analíticamente, con las acciones. Ninguna acción es comprensible por sí; su significado sólo es aprehensible en un plexo de acciones.

Por otra parte, apoyándonos en Hegel (2002, *op. cit.*), ningún objeto que es dado a la existencia es cognoscible como tal, por sí mismo, sin invocar *ipso facto* la referencia

² La postura de Watzlawick (1994) resulta aquí muy pertinente para entender eso que llamamos “realidad”, en la que el lenguaje juega un papel fundamental. Desde una mirada cognitiva también Bateson (1998) enfrenta esta cuestión a partir de su conjetura basal, aquello que “enlaza” todo con todo, que él llamó la “pauta que conecta”, lo cual es semiosis, conocimiento.

³ Es decir, como mero “receptáculo” de objetos y de acciones.

-aunque sea como mera posibilidad- de una presunta *mente* (o “conciencia” en términos de la filosofía alemana) que *lo capte y lo signifique*. Es decir, *todo objeto conlleva en sí la pregnancia a su cognición o a cierta semiosis posible*. Este principio puede ser aplicable también al *sistema de acciones* que, en ese caso, *presuponen la referencia a elementos objetivos del mundo*.

En esta dirección, cabe aclarar que las operaciones contrastivas que plantea Magariños de Morentín (1996, *op. cit.*) para el análisis semiótico, sobre la base de los discursos de los P.A. y otros agentes (como ser, los técnicos especialistas vinculados al sector agropecuario y los difusores de las nuevas tecnologías en el agro), se llevaron a cabo confrontándolas, a su vez, con las semiosis “indiciales” y “simbólicas”, ya sea mediante el registro de signos espaciales inscritos en las “configuraciones geográficas” (reconocibles en los “rasgos” del paisaje) y en la organización y dinámica de los espacios estudiados, o bien recurriendo al análisis semiótico de las construcciones poéticas y literarias que refieren a la “apropiación productiva” del espacio, así como de la riqueza expresiva del folklore que “habla” del modo de ser de las regiones, la vida “situada”, contextualizada, en un territorio concreto. Esto último permitió “enlazar” los *modos técnicos* descubiertos en las prácticas agrarias con las “formaciones geográficas” de las que participan. De este proceso metodológico -complejo y en bucle dialéctico, forjado en permanente espiral entre los descriptores empíricos (signos) y los conceptos estructurantes de este estudio- surgieron *dos tendencias operatorias* de la *acción técnica*, cada una de las cuales se desarrolla (se realiza) en su “esfera de semiosis” (apelando al concepto de Lotman, 1996) que permite entender su lógica y dinámica. Al respecto sostengo, como un producto concreto de la investigación a partir del abordaje empírico realizado, que la acción técnica no es meramente técnica (ni tecnología *per se*), sino que adviene como “*acción semio-técnica*”, revestida de semiosis, y este aspecto es inherente a su lógica, es decir a su gramática compositiva, como parte de la acción técnica misma.

De los análisis de los datos primarios (obtenidos en el territorio en que se focalizó el estudio, esto es, en el Nordeste Santafesino), y comparando con las realidades geográficas y semiosis operantes en distintos lugares del Nordeste Argentino (NEA) y del Noroeste Argentino (NOA), con el objetivo de validar los resultados emergentes, se fueron perfilando -como se dijo- dos tendencias: una que he llamado “*dominante y expansiva*”, vinculada a la producción de bienes agrarios destinados al mercado mundial (*commodities*, sobre todo) y otra que he denominado “*integracionista, creativa y recreadora de la cultura local / regional*”, más replegada en procesos locales y circuitos productivos regionales. Dado el espacio limitado en este artículo, no se incorporan ejemplos de los

análisis efectuados ni se caracterizan ambas tendencias, ya que su tratamiento escapa a la esencia de este trabajo. Simplemente cabe decir que estos datos semióticos de primer nivel sirvieron como una plataforma de lanzadera para obtener, por inferencias abductivas, datos y categorías que refieren a las semiosis espaciales, a partir de las cuales se fueron construyendo las ideas centrales que aportan elementos conceptuales para una teoría semiótica del espacio geográfico.

El desarrollo de esta Tesis se alimentó asimismo de estudios en el campo de la cognición (incluyendo trabajos de investigación y aportes teóricos sobre la información, la comunicación y la semiosis) provenientes de reconocidos pensadores, entre ellos: Gregory Bateson, Paul Watzlawick, Francisco Varela, Humberto Maturana, Konrad Lorenz, Andy Clark, Ángel Rivière, Juan Ignacio Pozo, entre otros.

Las motivaciones que condujeron a esta investigación emanan de corazonadas previas que permitieron intuir que en los *hechos geográficos* -concreticidad del “objeto-modelo”⁴ que estudia la geografía, es decir, el espacio- interviene una dimensión de significación que liga al “hacer” humano con las “formas” de ordenamiento creadas en un lugar, región o territorio determinado, que van más allá de la materialidad “visible” que suelen estudiar los geógrafos. Esos procesos implican producción y circulación de signos y significados y advienen como fenómenos cognitivos en el más amplio sentido. El propósito de esta Tesis fue *enfocar el espacio geográfico desde la mirada transdisciplinaria de las ciencias cognitivas y, en especial, desde la perspectiva semiótica como inherente a la “cognición ampliada”*.

2. ELEMENTOS QUE ABONAN LA PERSPECTIVA SEMIÓTICA DEL ESPACIO: APORTES A LA ONTOLOGÍA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO

El trabajo con los datos (su análisis) en integración con los conceptos intervinientes en este estudio (instancia interpretativa), brevemente indicado con anterioridad, evidencia que las semiosis sobre la acción técnica en los procesos productivos se contextualizan en el espacio existencial de las *formaciones geográficas*, cuestión que se revela tanto en la información obtenida de las entrevistas, como en las charlas *in situ* con los productores y los técnicos, así como en las visitas guiadas a campo en establecimientos agropecuarios. Hay un cúmulo de signos y significados que sólo se pueden comprender en el contexto pragmático -del P.A.- en que estas narraciones y significaciones tienen lugar.

Objetos, acciones y significaciones se entranan de un modo cada vez más diverso (en matices) y sutil (en sus *modus operandi*) en el mundo globalizado, tendiendo a comportarse como un sistema semio-técnico muy complejo.

⁴ Noción genérica samajiana que refiere al objeto de estudio, construido por el investigador.

El planeta entero evidencia hoy día la *universalidad de la técnica*, a tal punto que -como dice Santos (2000, *op. cit.*)- puede considerarse a la técnica como la faceta analítica de la empirización del tiempo. Dada la hipertelia que adquieren los objetos técnicos, sumada a la difusión que alcanzan hoy día las tecnologías innovadoras, la universalidad de las acciones técnicas es más acelerada y más generalizada que antes y este rasgo define las *actuales formas de producir*.⁵ Pero como la lógica operatoria para la que una tecnología fue pensada nunca se realiza *en abstracto*, sino “anclada” en escenarios productivos concretos, en territorios rurales con caracteres singulares, en consecuencia, las *acciones técnicas* aparecen así “*empotradas*” a las *relaciones espaciales*.

Los análisis efectuados en la investigación -en el desarrollo de la Tesis- revelan que ciertos procesos técnicos y su significación pueden comprenderse desde su contexto específico. Empero, existen procesos semióticos que resultan más o menos convergentes (coincidentes) que se revelan como fenómenos de “redundancia semiótica”. Mientras lo primero tiende a la *singularidad* del fenómeno técnico, lo segundo puja hacia la *universalidad*, en el sentido de *proseguir la lógica de la acción* para la que cierta acción técnica fue diseñada.

En esta última dirección resalta la importancia atribuida a la tecnología de punta, pero, a la par, se advierten semiosis más conectadas a la tradición o a la autocrítica del P.A. sobre sus propias prácticas. En todos los casos, los discursos de los sujetos y sus prácticas indican que las acciones técnicas ocupan un lugar destacado, al situarse en la metamorfosis de lo (*¿puramente?*) *natural* al *universo específicamente humano*. Las sucesivas mediaciones que comporta la técnica como tal, interpuesta entre naturaleza y cultura, no se realizan sin implicar, concomitantemente, procesos de semiosis. Ésta es *una de mis primeras tesis en el marco de esta Tesis Doctoral*. En consecuencia, *la acción técnica se trastoca en acción “semio-técnica”*; idea que completa la conjetura anterior.

Santos (*ibidem*) señala que a diferencia del arqueólogo que va detrás de los objetos para inferir las acciones pasadas, el geógrafo repara en los objetos pero como testimonio de la intervención actual. Y agrega: “En el enfoque geográfico, vemos cómo las acciones del presente inciden sobre objetos provenientes del pasado” (p. 63).

Las tendencias surgidas -en el proceso de esta Tesis que vengo comunicando- indican que la acción técnica, como acción semio-técnica, es constitutiva de la ontología del espacio. Las técnicas pretéritas se descubren como improntas dejadas en la materialidad del espacio, esto es, en las configuraciones geográficas. De hecho, los artefactos son

⁵ Hay que tener presente que, en las tecnologías de punta, automatizadas, como las que están penetrando cada vez más en los sistemas productivos agrarios, ya no es posible separar “*creación*” de “*difusión*”, al ser parte de la misma acción técnica, operando en simultáneo de manera entrelazada. Más aún, la semiosis acompaña a la acción técnica no sólo en el producto final (el artefacto) sino en su génesis, incluso desde el propio diseño.

expresión, más o menos visible o reconocible, de las acciones técnicas del pasado, pero también de *las semiosis que sobre dichas acciones se generaron*, pues no podría haber acaecido ninguna de estas improntas de objetos artificiales si previamente no se hubiese ponderado o valorado cierta intervención técnica (como eficaz, útil o nefasta).

Podemos así entender la semiosis de la acción técnica (*semio-técnica*) como *la interfaz* (o medio de vinculación) *entre la configuración geográfica* -disposición que adoptan los sistemas de objetos (culturales y naturales) en la superficie terrestre o en una porción de ella- *y el espacio* como un nivel de integración más totalizador, en el que una configuración geográfica es “moldeada” por las acciones humanas.

La realización de *la acción semio-técnica supone pues una operatoria en un espacio determinado*, un singular concreto donde la técnica abstracta (con la lógica de su *modus operandi* para la que fue diseñada) alcanza su empiricidad, expresándose con ciertas peculiaridades específicas, típicas de ese contexto. *Dicha acción semio-técnica se convierte en la piedra de toque del análisis geográfico, porque permite captar la unicidad del plexo de relaciones espaciales realizándose en una formación geográfica*, esto es, en la *especificidad* que un modo de producción -abstracto de por sí- logra cuando se *hace* en una base territorial concreta.

La acción semio-técnica se presenta en la interfaz de vinculación de las <formas-contenidos>. Una interfaz supone la conexión entre dos sistemas independientes. Ahora bien, en razón de lo antes dicho, ni los objetos son independientes de las acciones, ni éstas de los objetos. Por ello debemos preguntarnos: ¿En qué nivel de indagación asumimos esta “independencia”? Cabe responder: no en el plano de los entes empíricos como tales, pues éstos pueden ser “concebidos” (pensados, imaginados) como dominios autónomos. Empero, a la hora de realizarse -en un contexto determinado, en *un dasein-“implican” necesariamente* la referencia al otro sistema que, *prima facie*, adviene como independiente. La *recaída en la inmediatez* -concepto desarrollado por Hegel (2002, *op. cit.*)- es un constructo muy fecundo para explicar este “pasaje” de una esfera a otra, donde los procesos semióticos participan como inferencias del significado de los objetos en (y para) las acciones, y del significado de éstas operando sobre los objetos (y modelándolos), realizándose en la trama compleja del espacio como (y en el) *movimiento de totalización del sentido*.

Es decir, que tanto la independencia de dichos sistemas (de acciones y de objetos), como la postulada interfaz, pertenecen no al plano de la ontología material sino a lo que Florencio González Asenjo (1962) -tomando la noción de Husserl- denomina “ontología formal”. Una *ontología formal* se funda sobre ciertas categorías asumidas como válidas, dentro de un sistema de lógica formal. Ahora bien, la lógica aristotélica que

se desarrolló sobre determinados principios (entre ellos, el de tercero excluido) dio lugar a determinados planteos ontológicos, que descansan en proposiciones asumidas como válidas, verdad o falsedad, sin otra posibilidad.

En cambio, si concebimos que la realidad misma puede ser edificada a partir de otros principios, por ejemplo, asumiendo el tercero excluido en la reflexión, podemos entonces tener otra ontología para pensar lo real y, con ello, la cognición y la semiosis *desde una perspectiva diferente*.

Así pues, postular la acción semio-técnica como una interfaz entre las <formas-contenidos> y, en consonancia con ello, entre los sistemas de objetos y los sistemas de acciones exige admitir *dos principios básicos*:

1.- Que el objeto y el sujeto no son polos separados sino dimensiones intrínsecas del *proceso del conocer* (que es otra forma de entender todo proceso semiótico, esto es, como un fenómeno generador de significancia para alguien en un contexto). Este principio es coherente con la idea hegeliana de que la *sustancia* pueda ser entendida “también” -y en igual medida- como *sujeto*.

2.- Que eso que llamamos “realidad”, que implica el pensamiento y el universo simbólico, y tan real como lo objetivado en el mundo, puede ser entendido como *una construcción escalonada desde lo menos integrado a lo más integrado*. Esta *estratigrafía del ser* no excluye ningún eslabón constructivo en su devenir, sino que, por el contrario, presupone una trabazón dinámica entre distintos niveles ontológicos en que puede plasmarse lo real.

En relación a este segundo principio, es necesario aclarar respecto a las “regiones de realidad” -a las que se refiere el pensamiento husserliano- desde un enfoque de ontología formal. Las distintas regiones del ser que edifican el mundo no son -para Husserl- meras postulaciones metafísicas sobre el último fundamento (al estilo en que se entendía la búsqueda “trascendental” en las posturas filosóficas prekantianas), sino más bien *advenimientos cognoscitivos de lo que hay en él*, que pueden ser revelados a la conciencia (o experiencia vívida) a partir de elaboraciones judicativas (estructuras lógicas racionales) que podemos generar respecto al mundo. Nótese cómo, de una manera subrepticia en un planteo fenomenológico al estilo husserliano, la siguiente cita refiere a la existencia dada a nuestra cognición como “algo más” que mera realidad bruta:

Lo que se da a la experiencia no es una suerte de territorios ideales que agrupen sólo a entes homogéneos, sino un único mundo que se extiende sin quiebra en el espacio. Y es este mundo unitario el que acoge multitud de realidades que, sobre la base de su consistencia física, **aparecen a la vez investidas de algo así como un “sentido”**, como una ulterior determinación que ya no es física: son cuerpos que están vivos y “albergan” una conciencia, o cosas que son instrumentos u obras de arte, o sonidos que son señales o signos; o bien, figuras, distancias y espacios en que se hace presente el trazado cultural de

una ciudad o de un paisaje. La pluralidad finita de las regiones materiales refleja, en consecuencia, un orden fijo de fundamentación (Serrano de Haro, 2002, p. 201; el destacado en negrita es mío: E.L.).

Es en este plano, de la ontología formal, donde ese esfuerzo comprensivo / intelectual de develamiento de lo que se nos presenta a la experiencia -entendida ésta como instancia consciente y activa o, en palabras de Serrano de Haro, como “existencia despierta” (*idem*)- converge en la semiótica, al constituir un fenómeno creador de “*significancia*” y “*comunicabilidad*” en cierto contexto -apelando a conceptos de Parret (1983, *op. cit.*)- en el que *está “implicada”* la referencia al mundo, pues toda semiosis (y la semiosis del espacio también) remite a un *sentido* de un fragmento de realidad, advenido como tal (es decir, generado, cognoscitivamente) en (y por) la presencia y fuerza disruptiva del signo.

Asumiendo los principios antes referidos, podemos entonces *concebir lo semiótico como formando parte de tales tránsitos entre niveles ontológicos*.⁶ En éstos, la “Regla” (o *interpretante* en términos peirceanos, emanada del acervo de conocimientos arraigados en la praxis), podría estar actuando como nexos, permitiendo los saltos cualitativos en los procesos de *significación / entificación* (como dos caras de una misma moneda). En efecto, el estudio realizado aportó numerosos indicios que permiten atisbar que las Reglas generadoras del sentido del espacio advienen de la praxis misma, por ser ésta experiencia protagónica, situada, histórica, cultural y geográficamente constreñida a un contexto existencial concreto donde se desarrolla la vida humana.

Dichos niveles ontológicos (del espacio) -lo que para Husserl serían las regiones de la realidad convergiendo en la construcción racional o judicativa que posibilita pensar y dar sentido al mundo (como una unidad inescindible de la ontología formal y, en el fondo, de la conciencia humana)- pueden darse en dos direcciones diferentes: en la flecha del tiempo y en la sincronía del espacio (presente). En este alumbramiento (o descubrimiento) del *ser / conocer* -como un todo único- la dialéctica se presenta como un potente método de indagación de las relaciones complejas, contradictorias, que van forjando los distintos niveles constitutivos de la realidad, como realidad objetiva y como realidad pensada o significada (plano semiótico). Este criterio, aplicado al espacio geográfico, se revela como la convergencia entre la materialidad del espacio y la significación del espacio, en un movimiento único de descubrimiento del sentido de las realidades situadas, pero a la

⁶ Pero es preciso aquí distinguir entre ontología formal y ontología material, nociones que con frecuencia se confunden. Como señala Serrano de Haro (2002, *op. cit.*), la “ontología formal” es necesariamente única, mientras que las “ontologías materiales” son necesariamente plurales [a lo que podríamos agregar: diversas] pero -siguiendo al autor- también son necesariamente finitas. Al respecto, agrega que la destacada contribución de Husserl puede sintetizarse en “(...) la sorprendente tesis de que la reunión de ontologías materiales y ontología formal no agota por principio las conexiones necesarias llamadas a **hacer inteligible el todo de lo que hay...**” (p. 200; el destacado en negrita es mío: E.L.).

vez, como un esfuerzo inmanente por trascenderlas. La *semiótica del espacio* constituye, por lo tanto, una dimensión intrínseca de la *ontología formal del espacio* que es, al mismo tiempo, *congnición*.

3. ALGUNAS IDEAS EMBRIONARIAS DE CIERRE

Las *tendencias* descubiertas en las semiosis que se construyen sobre la acción técnica en los procesos productivos agrarios, tomados como “indicadores” de fenómenos semióticos subyacentes sobre el espacio geográfico, permiten inferir que:

-Los procesos productivos agrarios se transforman, por completo, actualmente, en un fenómeno técnico cimentado en la adopción y actualización continua de *tecnología innovadora*. Este *fenómeno técnico* es inseparable de su *significación*.

-En dicho proceso, el espacio geográfico cumple un papel de metamorfosis, pues, al realizarse cierta acción técnica, el productor no sólo hace lo que el diseño técnico indica (siguiendo su lógica), sino que opera una *transducción del sentido* en cierto contexto de praxis, “espacialmente” situada.

-La operatoria técnica exige, así, ser “interpretada” como parte de un sistema de significancia. De ahí que, desde un planteo ontológico, se concibe como acción semio-técnica que se realiza en (y por) el espacio, en tanto allí arraiga la *praxis* de los sujetos actuantes. La idea de “agencia” se hace necesaria para su comprensión.

-La acción semio-técnica -como parte fundamental de las acciones humanas- encuentra su sentido en cierta macrosemiótica. La idea greimasiana, ampliada por Samaja (2005, *op. cit.*), a diferencia del concepto de semiosfera de Lotman (1996, *op. cit.*), implica una estratigrafía de signos y significados. Es en esa vasta estratigrafía de configuraciones geográficas (y de las semiosis que les dieron origen), extendida en el tiempo, de donde emergen sus posibilidades de y significados. Es en esa vasta estratigrafía de configuraciones geográficas (y de las semiosis que les dieron origen), extendida en el tiempo, de donde emergen sus posibilidades de reconfiguración y, por ende, como dice Santos (2000, *op. cit.*), de comprender, desde el enfoque geográfico, cómo las acciones del presente moldean los objetos del pasado, recreándolos a la luz de los procesos semióticos actuales. *El espacio se constituye así en una estratigrafía de semiosis superpuestas*, donde las acciones semio-técnicas más complejas (y más eficaces) van imponiéndose, relegando a un segundo plano a aquellas acciones semio-técnicas más simples.

-Las *praxis* humanas del pasado actúan como condiciones de posibilidades de nuevas acciones semio-técnicas, a la par que las *praxis* actuales resignifican las del pasado, resituándolas en otro nivel ontológico en la dinámica del espacio. Dichas *praxis*

no pueden, pues, entenderse cabalmente sin implicar al espacio. La geografización de las acciones humanas, entre las que se ubica la acción técnica como especie paradigmática de la acción intencional humana, reposa en cierta *praxis socio-geográfica*, formada y recreada incesantemente en la dialéctica (o devenir contradictorio) entre su dimensión histórica y su empirización espacial.

-Esa *praxis socio-geográfica* es fuente de signos y significados -es decir, semiosis- para la acción. Los procesos semióticos implícitos condicionan, a su vez, el plexo de significaciones posibles de la intervención técnica en la naturaleza vía los procesos productivos “en” (y “a”) los que viene empotrada.

-En consecuencia, el espacio geográfico alberga una dimensión semiótica que le es ontológicamente constitutiva -desde el punto de vista de la ontología formal-. Esto no significa que debemos identificar -o hacer corresponder- dichas significaciones con ningún ente empírico objetivamente constatable, como algo positivamente “observado”. Más bien, se trata de ubicar, en el dominio de la ontología formal, a la semiosis operante sobre los objetos y las acciones (que confluyen en el espacio) y, por esta vía, converger a la vez en su cognición.

-De ahí que el espacio no sea sólo forma y contenido (social), sino también semiosis. Al distinguir el contenido social como un dato (por ej. la adopción de tal o cual tecnología, la producción de un cultivo o cierta práctica ganadera, o incluso la gestación de determinada formación geográfica) por un lado, y los procesos semióticos que sobre estos contenidos operan, por otro, es “reconocer” el importantísimo *papel del sujeto productor de semiosis* y, por ende, *creador de realidad*.

-Precisamente por ello, en las fases finales de esta investigación, el esfuerzo se orientó a desentrañar el lugar que ocupan los procesos semióticos respecto de las <formas-contenidos> de las que habla Santos, buscando ubicar los procesos semióticos del espacio en la perspectiva de la ontología formal. Se descubrió entonces que la *semiótica del espacio* es una dimensión intrínsecamente constitutiva del espacio mismo y no constituye tan solo un enfoque más de la investigación empírica. Y ello en razón de que el espacio no es mera conjunción de <formas-contenidos> materiales (o incluso intangibles), ni tampoco una convergencia de sistemas de objetos y sistemas de acciones, sino, sobre todo, la *construcción del sentido que sobre (y en) el espacio se realiza*. Esta mirada supone un posicionamiento teórico-filosófico pues de lo que se trata es de construir un objeto epistemológico, en el que la dimensión semiótica sea considerada ontológicamente constitutiva del espacio mismo e investigable como una dimensión general “transdisciplinaria”, cualquiera sea el tema geográfico que concentre la atención del investigador.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bateson, G. (1998). **Pasos hacia una ecología de la mente. Una aproximación revolucionaria a la autocomprensión del hombre.** Buenos Aires, Argentina: Ediciones Lohlé-Lumen.
- González Asenjo, F. (1962). **El todo y las partes: Estudios de ontología formal.** Madrid, España: Editorial Martínez de Murguía.
- Guber, R. (2004). **El salvaje metropolitano. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo.** Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Hegel, G.W.F. (2002). **Fenomenología del Espíritu.** México D.F., México: Fondo de Cultura Económica.
- Lawler, D. (2006). La estructura de la acción técnica y la gramática de su composición. *Scientiae Studia*, 4(3), 393-420. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662006000300004>
- Lebus, E.D.C. (2018). **Semiótica del espacio geográfico. Elementos para una teoría semiótica del espacio geográfico a partir del estudio de la significancia / comunicabilidad de la acción técnica en los sistemas productivos agrarios.** (Tesis de Doctorado en Ciencias Cognitivas). Universidad Nacional del Nordeste. Resistencia, Argentina.
- Lotman, I. (1996). **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto.** Colección dirigida por Sergio Sevilla y Jenaro Talens. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Madrid, España: Ediciones Cátedra.
- Magariños de Morentín, J. (1996). **Los fundamentos lógicos de la semiótica y su práctica.** Buenos Aires: Edicial.
- Parret, H. (1983). **Semiótica y Pragmática.** Buenos Aires, Argentina: Edicial.
- Peirce, Ch.S. (1988). **El hombre, un signo.** Barcelona, España: Crítica Grijalbo.
- Samaja, J. (2005). **Semiótica de la ciencia.** Inédito: manuscritos facilitados por el autor.
- Santos, M. (1990). **Por una geografía nueva.** Madrid. España: Espasa-Calpe.
- (1996). **De la totalidad al lugar.** Barcelona, España: Oikos-tau.
- (2000). **La naturaleza del espacio.** Barcelona, España: Ariel.
- Serrano de Haro, A. (2002). Fenomenología y ontología. En Rodríguez, R. (Ed.), **Métodos del pensamiento ontológico** (pp. 199-233). Madrid, España: Síntesis.
- Watzlawick, P. (1994). **¿Es real la realidad? Confusión, desinformación, comunicación.** Barcelona, España: Herder.
- Wodak, R. y Meyer, M. (comps.). (2003). **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona, España: Gedisa.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**